



Recordar Eurico Nogueira França (1913-1992)

Vasco Mariz*

Uma das maiores personalidades dos meios musicais da segunda metade do século XX no Rio de Janeiro foi o crítico musical e musicólogo Eurico Nogueira França. Trabalhou no tempo em que os jornais cariocas davam muito destaque à música clássica e sua coluna diária era lida com muita atenção, não só pelos musicistas como também pelo público culto em geral. Suas atividades no terreno da música foram múltiplas e Eurico era muito respeitado por suas opiniões e competência no assunto. Era um homem bastante tímido ou, talvez seja melhor dizer, reservado em um primeiro contato. Conhecendo-o melhor, víamos logo que era caloroso ao expor suas opiniões e bom amigo de seus amigos. Como crítico influente, Eurico era muito assediado pelos artistas que queriam aparecer em sua prestigiosa coluna, ou lá plantar notícias de seu interesse em um jornal importante como o *Correio da Manhã*, talvez o melhor diário da época. Eurico ouvia a todos com paciência e raramente se irritava. Queixava-se amiúde por ter de correr de um concerto para outro na mesma tarde, ou mesma noite, para atender a compromissos com os artistas. Era muito consciente de sua responsabilidade de formar a opinião do meio musical carioca.

Em sua época, a música popular brasileira não tinha a preeminência de que hoje desfruta, o que só começou a acontecer depois da aparição e divulgação da televisão em cores, no anos sessenta. Os grandes concursos de canções populares atraíram milhões de espectadores e foi o começo do declínio do prestígio da música clássica no Brasil. Nos anos cinquenta, os leitores do Rio de Janeiro dispunham de uma meia dúzia de bons jornais, cada qual destinado a certo tipo de público. Lembro *O Correio da Manhã*, *O Globo* que já despontava, *o Jornal do Brasil* com grande prestígio, *o Diário de Notícias*, *O Diário Carioca*, *O Jornal*, *A Tribuna da Imprensa* e outros de menor circulação. Todos tinham críticos musicais que dispunham de colunas mais ou menos longas e suas opiniões eram comparadas.

* Academia Brasileira de Música, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: vasco.mariz@globo.com.



Eurico era talvez o mais lido e respeitado, mas em *O Globo* militava o venerável Octavio Bevilacqua; em *O Diário de Notícias*, escrevia a temível D'Or, Ondina Ribeiro Dantas, esposa do dono do jornal, o que lhe dava muito desembaraço ao comentar os concertos e os artistas; Ayres de Andrade não lhes ficava atrás em competência em *O Jornal*, da temida cadeia Chateaubriand etc. Esses críticos reinaram em seus jornais por cerca de 30 anos e eram bem conhecidos e comentados pelas pessoas que frequentavam os concertos e a ópera. Os musicistas que se cumprimentavam nos intervalos dos concertos e se encontravam no dia seguinte nas ruas citavam suas opiniões contrárias ou favoráveis a Fulano, a Beltrano e havia debate se essas críticas eram isentas ou se, por trás delas, havia influências políticas.

Era bonito o meio musical do Rio de Janeiro e de São Paulo nos anos quarenta a sessenta. Um pouco antes, quando eu era muito jovem, lembro-me das temporadas de óperas assistidas pelos cavalheiros em *smoking* e as senhoras de vestidos longos. Perto do Theatro Municipal, na Cinelândia, aguardavam o final das óperas os chamados “bondes de polainas”, com os bancos cobertos por capas brancas onde se acomodavam as senhoras a exhibir seus modelos importados da Europa. Bons tempos aqueles em que, nos intervalos dos concertos e das óperas, todos se conheciam, cumprimentando-se amavelmente. E era ainda mesmo muito jovem, mas apreciava o espetáculo. No dia seguinte, pela manhã, todos se precipitavam para ler nos jornais as críticas do concerto ou da ópera. Cada palavra dos críticos era discutida, pesada e avaliada, e uma eventual censura ou restrição arrasava a pobre vítima. Tudo isso vai muito longe, cinquenta ou sessenta anos atrás, e hoje em dia vê-se no Theatro Municipal até jovens em camisa tipo regata, a exhibir os seus sovacos cabeludos...

Onde conheci e conversei pela primeira vez com o tão importante crítico Eurico Nogueira França? Creio que foi em casa de Luis Heitor Correa de Azevedo, nosso mais notável musicólogo, cuja sobrinha eu tentava namorar sem sucesso. Ou seria na residência de Francisco Mignone, que organizava noitadas musicais soberbas em seu apartamento da praia do Flamengo? Com pouco mais de 20 anos e Eurico oito anos mais velho, não tardamos a ficar bons amigos e mais tarde até compadres. Na época eu era um jovem diplomata considerado promissor, que cantava bem e escrevia sobre os compositores brasileiros, os quais me olhavam com benevolência...

Eurico Nogueira França era carioca, nascido a 28 de maio de 1913 e, embora fosse atraído desde cedo pela música, talvez por influência de seus pais, estudou e formou-se em Medicina pela antiga Universidade do Brasil, em 1934. Não abandonou sua paixão pela música e acabou se formando em Piano pelo Instituto Nacional de Música, hoje a Escola de Música da UFRJ, na rua do Passeio. Fez mais que isso, continuou estudando com afinco e, em 1937, recebia a tão cobiçada medalha de ouro como primeiro prêmio em piano. Seu mestre era o famoso pianista espanhol radicado



no Rio de Janeiro, Tomás Terán, chefe de uma prestigiosa escola de pianistas que fizeram época. Não tenho notícia de quando Eurico abandonou a medicina, mas a próxima etapa seria frequentar o curso de formação de professores de música e canto coral da Universidade do antigo Distrito Federal, lá se formando em 1940. Tampouco sei como e porque ele foi contratado para ser o novo crítico de *O Correio da Manhã*, mas seu currículo já podia ser considerado respeitável e apropriado ao cargo. Eurico escrevia bem, sem afetação, com elegância e simplicidade. Agradava a todos como escritor.

Nessa época ele já escrevia na prestigiosa *Revista Brasileira de Música*, que mais tarde viria a dirigir por indicação de Luis Heitor. Trabalhou também como redator na famosa Rádio MEC, que felizmente sobrevive até hoje. Estávamos na época em que Hans Joachim Koellreutter fazia sucesso no Rio e em São Paulo com a sua “música viva”, que trouxera na bagagem da Europa conflagrada. Também frequentei seu curso e lá fiz amizade com um jovem de óculos, tímido e magrinho, que se chama Edino Krieger, hoje um de nossos maiores compositores.

Eurico não tinha preconceitos e começou suas atividades no *Correio da Manhã* a partir de 1944 com uma coluna aberta a todas as correntes estéticas. Creio que talvez o tenha influenciado um pouco nesse sentido. Surgiam Cláudio Santoro e Guerra-Peixe, dois jovens compositores que começavam a abrir caminho e cuja música ajudei a divulgar na coluna de Eurico, que por vezes me dava espaço para publicar. Nogueira França era um conservador esclarecido, apreciava comentar Koellreutter e suas novas tendências estéticas que nos chegavam da Europa renascente.

Eurico Nogueira França foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Música, criada por Villa-Lobos, em 1946. Em Paris, estava sendo criada a Unesco, que instalou uma comissão nacional no Rio de Janeiro com a sigla do IBECC, criando muitas expectativas otimistas que não se confirmaram. Suas modestas verbas de pouco serviram em um grande país como o nosso e só bastaram para pagar a restauração de alguns monumentos históricos e considerar outros alguns como patrimônio histórico mundial. Como auxiliar de Villa-Lobos, Eurico esteve ativo nessa comissão no setor da música, mas os resultados foram modestos.

Pouco depois, Eurico foi convidado a integrar a comissão artística do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, o que confirmava seu prestígio crescente nos meios musicais da capital. Fundou e presidiu a Sociedade Brasileira de Teatro e Música, que nos anos 60 ofereceu numerosos concertos de alto nível.

Eurico também foi crítico da famosa revista *Manchete*, de Adolpho Bloch, e com a falência de *O Correio da Manhã*, em 1974, passou a fazer comentários no jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer, diário fortemente politizado que não era muito lido por artistas nem intelectuais. Os anos dourados da música clássica haviam passado e era o começo do declínio: ele havia chegado aos 61 anos e tinha feito alguns



inimigos, porque não era possível elogiar a todos. Antes disso, Eurico era frequentemente convidado pelas embaixadas dos grandes países para assistir a importantes espetáculos no exterior ou visitar instituições musicais. Esteve nos Estados Unidos da América e em diversos países europeus, o que certamente lhe foi benéfico e lhe alargou os horizontes.



Capa do livro *A música no Brasil*, de Eurico Nogueira França, publicado pelo Ministério de Educação e Saúde, 1953.

Publicou vários livros, de maior e de menor importância. Ressalto a biografia de Oscar Lorenzo Fernandez, um de nossos melhores compositores, morto prematuramente em 1948, aos 51 anos, quando despontava como o sucessor de Villa-Lobos. Ele hesitou um pouco a assumir a responsabilidade de fazer-lhe a biografia, mas eu o animei bastante, porque Lorenzo havia sido meu mestre e amigo. O livro é impecável, conciso, informativo e fluente em seu estilo sem firulas nem pesadas citações. Foi publicado em 1950 e até hoje é uma obra de referência indiscutível. No ano seguinte publicou *Música no Brasil*, que teve mais duas edições em 1955 e 1957. Esse livro está um pouco superado pelo tempo decorrido até hoje, o que, aliás, é perfeitamente normal. Outra obra importante e de interesse perene é o livro de *Memórias de Vera Janacópulos*, nossa grande cantora de câmara, famosa na Europa antes da 2ª guerra mundial. Eurico redigiu com elegância e clareza as recor-



dações da notável recitalista que ombreou com os maiores artistas de sua época na Europa, oferecendo-nos também um panorama esplêndido do mundo musical daqueles tempos. Frequentei algumas aulas da famosa cantora, em 1946, quando se apresentou no Rio de Janeiro em “master classes”. O livro de Eurico lê-se até hoje com muito prazer e utilidade trazendo-nos a descrição daquele mundo musical tão remoto. Ele publicou ainda duas obras de relativa importância, a saber: *A temporada musical do ano do IV Centenário da fundação da cidade do Rio de Janeiro*, de 1966 e *Matéria de Música*, do ano seguinte, que teve outra edição em Brasília em 1972, com artigos variados de interesse irregular.



Sessão inaugural da Academia Brasileira de Música. José Siqueira (1º esquerda frente) e Eurico Nogueira França (2º esquerda trás). Restante listado, mas não relacionado com a imagem: Fructuoso Vianna, Antonio de Sá [...], Arthur Iberê de Lemos, João Baptista Julião, Brasília da Cunha Luz, Antonio Garcia de [...] Neto, frei Pedro Sinzig e Francisco Curt Lange. (Fotografia gentilmente cedida pelo Museu Villa-Lobos)

De maior significação foi a publicação pelo Museu Villa-Lobos do livro *Villa-Lobos, síntese crítica e biográfica*, de 1974, obra de divulgação bastante utilizada na época. Lembro que Eurico conviveu bastante com Villa-Lobos no início de sua carreira e depois esteve próximo ao Museu Villa-Lobos com Arminda. Suas observações, entretanto, em minha opinião, deixam um pouco a desejar, pois eu esperava mais desse livro. No meu entendimento, as duas obras principais de Eurico Nogueira França ainda são a biografia de Lorenzo Fernandez e as memórias de Vera Jana-cópulos, livros que ainda podem ser adquiridos pela internet em livrarias e sebos bem organizados.



Gostaria de terminar este artigo por uma nota pessoal com desfecho triste. Eurico e eu fomos bons amigos por 40 anos. Também gostava muito de sua esposa Ivy Improta, boa pianista que teve uma excelente carreira de recitalista e se apresentou na Europa e Estados Unidos com sucesso. Ao nascer seu filho Tomás, fui convidado a ser o padrinho, o que aceitei com prazer, pois estimava toda a família. Nossas relações sempre foram muito cordiais e em meus livros, e em outros por mim organizados, sempre citei os trabalhos de Eurico ou o convidei a participar, dando-lhe sempre o merecido destaque. Infelizmente tudo cessou em 1991 por ocasião das eleições para a presidência da Academia Brasileira de Música. Havia profundo descontentamento com a orientação do presidente Marlos Nobre e um grupo de acadêmicos veio à minha casa pedir-me que liderasse uma chapa de oposição. Camargo Guarnieri me telefonou de São Paulo pedindo que aceitasse, o que acabei fazendo. Vencemos por 16 votos a três, sendo um deles o de Eurico Nogueira França. Os perdedores não se conformaram com a derrota e levaram a disputa à Justiça, que após dois anos de deliberações, nos deu a vitória, considerando improcedente a alegação de Eurico e seus companheiros. Com tudo isso, deixamos de nos falar, o que me deu muito pesar e até hoje considero inexplicável, pois nada havia entre nós dois diretamente que justificasse esse afastamento. Pouco antes da sentença final, Eurico veio a falecer a 12 de dezembro de 1992, aos 79 anos de idade. Tampouco tive ocasião de rever sua esposa Ivy e meu afilhado Tomás, afastamento lamentável.

Tantos anos depois, tenho muito prazer de atender ao convite de Maria Alice Volpe para recordar a carreira de Eurico Nogueira França, que foi um dos mais ilustres críticos musicais brasileiros de todos os tempos e um competente musicólogo que exerceu notável influência sobre o público musical carioca de sua época. Entretanto, aquela triste disputa não me impede de hoje, vinte anos depois, prestar-lhe a sincera e merecida homenagem.

VASCO MARIZ, nascido no Rio de Janeiro em 1921, é musicólogo, historiador e diplomata de carreira, cinco vezes embaixador do Brasil. Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ex-presidente da Academia Brasileira de Música e autor, entre outros livros, de *Villa-Lobos, o homem e a obra* (12 edições, das quais seis no exterior), *A Canção Brasileira de Câmara* (7 edições), *História da Música no Brasil* (8 edições, obra premiada pela Academia Brasileira de Letras em 1983), *A música no Rio de Janeiro no tempo de D. João VI* (2008), etc. Grande prêmio da crítica da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) em 2000 e Prêmio Clio da Academia Paulista de História, em 2005.